



ANAIS

**XI Seminário Internacional Práticas Religiosas no
Mundo Contemporâneo
XI Colóquio Nacional Cultura e Poder
X Seminário de Pesquisas do Laboratório de Estudos
sobre Religiões e Religiosidades**

**Laboratório de
Estudos sobre Religiões e Religiosidades (LERR)**

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

2025

GT – Mundo Antigo, Medieval e Religião

O MUNDO MÁGICO DE *THE SECRET OF KELLS*: ILUMINURAS E MONGES DA IRLANDA MEDIEVAL

Vinícius Ribeiro Daniel (UEL-G)¹
Nathany A. W. Belmaia (UEL-PQ)²

2

Resumo: Este trabalho tem por objetivo fazer uma análise inicial da animação *The Secret of Kells* (2009), dirigida por Tomm Moore, com foco em sua construção estética, simbólica e narrativa. A obra é inspirada no *Livro de Kells*, um manuscrito iluminado do século IX, cujas iluminuras utilizam elementos da mitologia celta, da tradição cristã e da cultura visual medieval para criar uma narrativa que dialoga com temas como religiosidade, conhecimento, memória e resistência cultural. Através da jornada do protagonista Brendan, o filme contrapõe a rigidez do mundo monástico à liberdade simbólica da floresta e da imaginação. A análise observa como a estética visual, fortemente influenciada pelos manuscritos iluminados, e a trilha sonora contribuem para a construção de um universo onde o sagrado se manifesta tanto na arte quanto na natureza. A metodologia fundamenta-se nos estudos de autores como Marc Ferro (2003), que discute como o cinema pode ser um agente produtor de discursos sobre o passado, e Robert Rosenstone (2001), que abordam a ideia de que os filmes também “escrevem história. Como resultado inicial, se discute como o filme articula elementos históricos e ficcionais para afirmar uma identidade irlandesa moldada por diferentes tradições culturais e espirituais. Dessa forma, *The Secret of Kells* é compreendido como um exercício de narrativa cultural que atualiza e preserva símbolos fundadores da tradição irlandesa.

Palavras-Chaves: Livro de Kells. Irlanda. Medieval. Animação

INTRODUÇÃO

“Uma viagem ao mundo das fábulas” (título original *The secret of Kells*), é uma animação do estúdio *Cartoon Saloon*, localizado na Irlanda. Conta com a direção de Tomm Moore, e codireção de Nora Twomey. Ainda integram a produção da obra Bruno Coulais, responsável pela trilha sonora, Fabrice Ziolkowski, responsável pelo roteiro, entre outros (cf. Blog A Janela Encantada, 2024). Essa animação, que entrelaça fantasia, religião e história, retrata um povoado de Kells, na Irlanda, e a criação de um manuscrito sagrado, o Livro de Kells, uma obra que, dentro do âmbito da narrativa fílmica, seria capaz de iluminar “os tempos sombrios” (Moore, 2009) de um momento conturbado às vésperas de uma invasão violenta do monastério onde habitavam.

¹ Graduando em História. E-mail de contato: vinicius.daniel@uel.br

² Doutora em História pela Universidade Federal do Paraná. Mestra em História Social pela Universidade Estadual de Londrina. Licenciada em História pela Universidade Estadual de Maringá. E-mail: nathybel@hotmail.com

Inspirado nos manuscritos iluminados, principalmente no Livro de Kells³, e na estética baseada nas iluminuras do livro, a animação reinterpreta as iluminuras medievais. Segundo Visalli e Godoi (2016, p.135), em uma definição contemporânea, a iluminura é uma imagem desenhada em um manuscrito. Contudo, durante o período medieval, “o verbo latino *iluminare* definia a ação de pintar, e não a produção das imagens dos livros em si”. Essas imagens poderiam ser detalhes, estar nas bordas das páginas, ser a letra capitular ou ocupar uma página. É notório que *The Secret of Kells* utiliza como inspiração os desenhos dos manuscritos medievais, já que algumas cenas da animação são idênticas às iluminuras registradas nos manuscritos medievais originais (vide Figura 1 e 2). Contudo, na obra fílmica, as iluminuras não são representadas como desenhos estáticos, mas ganham vida, se movendo, expandindo e mudando de cores no decorrer das cenas, criando cenários de sonhos que levam Brendan, o personagem principal, a um mundo de fantasia que rompe com a atmosfera de temor da invasão viking que embasa o enredo. A Figura 1, por exemplo, pode ser vista como uma espécie de “espelho moderno” da arte irlandesa do século IX (AlKhayat, 2023, p. 46).

Figura 1 - Livro de Kells retratado no filme



Fonte: *The Secret of Kells* (Moore e Twomey, 2009, mín.1:13:05)

³ Manuscrito iluminado, criado por volta do início do Século IX. “Contém os Quatro Evangelhos do Novo Testamento, além de sumários e tabelas de concordância de passagens dos textos dos evangelistas”. Considerado uma “obra-prima da caligrafia ocidental e um dos pontos altos da chamada *Arte Insular*”. (Valle, 2011)

In: Seminário Internacional de Práticas Religiosas No Mundo Contemporâneo (LERR/UDEL), 2025, Londrina. **Anais...** Londrina: UEL, 2025.

Figura 2 – Fólio 34 recto do Livro de Kells.



Fonte: Meehan, 1994.

A Figura 1 é uma imagem capturada de cenas do filme, no tempo de 1:13:05, enquanto a Figura 2 é um fólio original do Livro de Kells. Contudo, as similaridades entre ambas, de cores, do tipo de desenhos, são bastante evidentes. O uso desses recursos visuais são pensados para refletir o Livro de Kells (Geroto, 2013, p.5).

O Livro de Kells, ou Livro de Columba (cujo nome em latim é *Codex Cenannensis* em irlandês é *Leabhar Cheanannais*) é um manuscrito iluminado que contém os quatro Evangelhos do Novo Testamento, acompanhados de textos introdutórios e tabelas. Não se sabe exatamente sobre o seu processo de produção. Estima-se que tenha sido produzido em mosteiros irlandeses ou escoceses ligado à tradição de São Columba, com contribuições de diferentes comunidades monásticas dessas regiões no início do século IX (Lesso, 2022).

O Livro de Kells apresenta iluminuras em diversos formatos e tamanhos, indo de miniatura à página inteira. A ornamentação das primeiras palavras de cada Evangelho no Livro de Kells tem uma decoração tão elaborada que o próprio texto que se visa transmitir por meio dessa imagem fica quase ilegível. No caso do fólio 34, se visava retratar a palavra Cristo, escrita pelas letras gregas *chi* e *rho*, que eram, normalmente, usadas em manuscritos medievais para abreviar a palavra Cristo. Na Irlanda, nos livros do que transcreviam Evangelhos, *Chi Rho* era ampliado e decorado. No Livro de Kells, o monograma *Chi Rho* foi desenhado na parte da frente (*recto*) de uma página inteira (Calkins, 1983, p.85). As ilustrações do Livro de Kells apresentam uma ampla gama de cores, sendo roxo, lilás, vermelho, rosa, verde e amarelo as cores mais utilizadas (Fuchs e Oltrogge 1992, 134–135). Na imagem feita na animação, foram

suprimidos os tons de rosa, roxo e azul claro, dando lugar a uma paleta de cores de tons terrosos e verde ocre.

Apesar de o filme abordar a religiosidade cristã, ele se afasta da igreja tradicional⁴ como ponto central da narrativa à medida que destaca a “universalidade da natureza como fonte de inspiração para a criação do Livro de Kells” dentro do âmbito da animação (O’Brien, 2011, p.34, *tradução nossa*⁵). Segundo O’Brien “esse afastamento [...] torna a narrativa mais acessível ao público internacional.”⁶ Isso significa que um público amplo e global pode se conectar com a narrativa do filme por meio de temas universais e elementos culturais mais abrangentes, ao invés de detalhes religiosos ou históricos muito específicos

5

O objetivo deste trabalho é apresentar algumas considerações introdutórias sobre a animação *The Secret of Kells*, ressaltando o enredo, processo de produção e relações com o cristianismo irlandês medieval.

Metodologia

Este trabalho adota uma abordagem qualitativa e interpretativa, analisando a animação *The Secret of Kells* como uma representação simbólica da cultura monástica irlandesa do século IX e do contexto histórico da Irlanda medieval durante as invasões vikings. A análise parte da perspectiva da História Cultural, considerando o filme enquanto narrativa que articula memória, mito e história.

A metodologia fundamenta-se nos estudos de autores como Marc Ferro (2003), que discute como o cinema pode ser usado como fonte histórica, mas também pode ser um agente produtor de discursos sobre o passado. Ou seja, ele propõe que o filme, longe de ser apenas ilustração da história, é um agente produtor de memória, de ideologia e de interpretação do real. Também se adota o referencial trazido por Robert Rosenstone (2001), que é um dos principais teóricos que abordam a ideia de que os filmes também “escrevem história”, ainda que com outra linguagem. Esse autor argumenta que a historiografia tradicional precisa reconhecer o papel

⁴ Com "Igreja tradicional", O'Brien se refere à perspectiva de uma Irlanda puramente cristã ou exclusivamente católica, que o filme *The Secret of Kells* intencionalmente amplia ou "subverte"

⁵ Original “shows the universality of nature as an inspiration for the creation of the Book of Kells.” (O’Brien, 2011, p.34)

⁶ Original “This move away from the organized church as a narrative focal point makes the film more accessible to international audiences” (O’Brien, 2011, p.34)

dos meios audiovisuais na construção do passado, e, especialmente no imaginário popular, como é apregoadado, atualmente, por correntes como a História Pública.

Para isso, serão observados aspectos narrativos, visuais e simbólicos da animação, tais como a representação do Livro de Kells, o papel do monge Aidan e a oposição entre o mundo da floresta e o mosteiro, buscando compreender como a obra traduz visualmente questões históricas e culturais da Alta Idade Média na Irlanda. Também são considerados elementos da estética medieval presentes na animação, sobretudo os desenhos relacionados com as iluminuras medievais irlandesas, ou seja, o uso de padrões visuais inspirados na arte insular, a fim de compreender como esse filme dialoga com fontes históricas e visuais da época.

O enredo e a narrativa de *The Secret of Kells*

A animação se destaca por sua proposta visual, por sua narrativa simbólica e pela forma como trabalha temas como fé, imaginação, medo e resistência. Ela não tenta ser uma recriação fiel dos fatos históricos, como um retrato fiel de uma invasão viking em um monastério medieval, mas sim uma narrativa de superação das adversidades, onde cada elemento desempenha um papel sutil, porém significativo (Spartz, 2015, p.186). *The secret of Kells* foi bem recebido pelas críticas, recebendo uma indicação ao Oscar de melhor animação em 2010, além de outras premiações.

O filme acompanha a história de Brendan, um garoto de doze anos que vive em Kells, uma comunidade monástica do século IX, sob os cuidados rígidos de seu tio, o abade Cellach, que se preocupa obsessivamente em terminar a construção de uma muralha ao redor do mosteiro para proteger a comunidade dos ataques e invasões dos vikings, um perigo iminente na narrativa.

Historicamente, os vikings eram um povo originário da Escandinávia (atual Dinamarca, Noruega e Suécia). Com marinheiros e navegadores experientes, do final do século VIII ao final do século XI eles invadiram, piratearam, comercializaram e estabeleceram assentamentos em diversas partes da Europa, como nas Ilhas Britânicas, Islândia, Groenlândia, Ilhas Faroé, Normandia, costa do Báltico e rotas comerciais com alguns locais da Europa Oriental (Roesdahl, 1998, p.9-22).

Para se reportar a esse momento de medo no qual uma comunidade monástica poderia ser invadida por vikings, a animação representa o local repleto de andaimes, os quais reforçam a obsessão do abade Cellach na proteção do mosteiro. A chegada do irmão Aidan, vindo de Iona, rompe com essa atmosfera de temor, trazendo para o enredo o Livro de Kells. Esse livro seria uma obra a ser continuada por Brendan. Ou seja, esse personagem teria a tarefa de continuar os registros para a posteridade, denotando a esperança de uma sobrevivência àquele momento. A representação estética dos desenhos da animação se foca na arte das iluminuras medievais.

Diferentemente do tio, o abade Cellach, preocupado com a invasão viking iminente, Brendan é seduzido pelo poder da arte e da imaginação que se concretiza com a chegada do Livro de Kells.

Dentro do âmbito da narrativa da animação, o abade Cellach, tomado pela preocupação com os constantes ataques vikings, dedica-se intensamente à construção de uma muralha robusta ao redor do mosteiro, proibindo Brendan de ultrapassar os seus limites, especialmente em função da densa e enigmática floresta que o cerca. Em determinado momento, Brendan ouve os monges discutirem sobre a abadia da ilha de Iona, e seu fundador, São Columba, e o mestre Aidan, que era um renomado ilustrador de manuscritos iluminados. Com a destruição da abadia de Iona pelos vikings, Aidan refugia-se em Kells, trazendo consigo o seu gato, Pangur Bán, e aquilo que considera o seu maior legado, que era o incompleto Livro de Iona, um manuscrito iluminado cuja beleza, segundo a tradição, emana uma luz capaz até de cegar os indignos.

Estabelecido no *scriptorium* da abadia, Aidan percebe o interesse de Brendan pela arte da iluminação e o encarrega de coletar galhas de carvalho, um insumo essencial para a preparação da tinta utilizada na confecção do manuscrito. Para realizar essa tarefa, ele precisa desobedecer às ordens do tio e atravessar a muralha, enfrentando tanto os perigos do mundo exterior quanto seus próprios medos. Apesar da proibição do tio, Brendan adentra a floresta por uma passagem secreta, acompanhado de Pangur Bán. Ao chegar, ele foi surpreendido por uma alcateia. Contudo, os lobos se dispersam com a súbita aparição de um outro lobo branco, que era Aisling, uma entidade mágica de natureza metamórfica que atuava como um tipo de “guardião da floresta”. Aisling, na metamorfoseada em garota, foi desenhada com tons pálidos. A pele é branca, assim como os cabelos, os quais são representados estar voando em boa parte

das cenas, denotando que aquele ser não era humano. Aisling se torna sua aliada nessa jornada de descobertas e transformações.

Aisling é retratada como o lado bondoso desse Outro Mundo, atuando como a guardiã da floresta, visto que ela se refere à mesma como “sua floresta”, e mostra também ter controle sobre os animais que a habitam, impedindo que os outros lobos ataquem Brendan, ou que as abelhas o piquem quando eles estão escalando uma grande árvore em busca dos frutos de que Brendan precisa. (Fouto, 2018, p.105)

8

Fouto chama de “Outro Mundo” o exterior da comunidade, local o qual, no âmbito da animação, denota o lado fantasioso da narrativa, ou seja, tudo aquilo que é sobrenatural, e foge dos padrões da realidade do mundo físico.

Na animação, durante uma de suas incursões à floresta, Brendan descobre a entrada de uma caverna, a qual, segundo Aisling, abriga o espírito maligno Crom Cruach, responsável pela morte de seus pais. Diante do perigo, Aisling impede Brendan de adentrar no local.

Enquanto isso, no *scriptorium*, Aidan utiliza as galhas de carvalho para produzir tinta e inicia Brendan na arte da iluminura. Vendo o interesse do jovem, Aidan revela que, devido à sua idade avançada e perda progressiva de visão, não será capaz de concluir o manuscrito, transferindo, assim, a responsabilidade para Brendan. Contudo, para finalizar a obra com precisão, Brendan necessita do Olho de Colmcille⁷, uma lente de cristal que permite o traço minucioso. Esse objeto, outrora pertencente a São Colmcille, foi perdido durante a fuga de Aidan de Iona. Brendan reconhece o cristal que viu em Crom na caverna e tenta voltar para buscá-lo.

Ao tentar recuperar o artefato, Brendan é interceptado pelo tio Cellach, que o prende em seus aposentos a fim de impedir a sua saída. Com a ajuda de Aisling e de Pangur Bán, Brendan consegue escapar e retorna à floresta. No interior da caverna, Brendan confronta Crom Cruach, representado como uma serpente monstruosa, e, ao final do combate, consegue arrancar-lhe o olho, obtendo, assim, o cristal necessário para concluir o livro.

Ao enfrentar e derrotar essa criatura, Brendan descobre sua coragem e se sente pronto para trilhar seu próprio caminho, dando continuidade à criação do livro sagrado.

⁷ Nome irlandês da figura histórica de São Columba.

Em oposição a Aisling encontra-se Crom Cruach, vagamente inspirado na divindade irlandesa pré-cristã de mesmo nome. Ainda que a divindade tenha interpretações pouco conhecidas, em vista da ausência de materiais mitológicos a seu respeito, há relatos antigos cristãos em que Crom Cruach é descrito como o principal dos deuses irlandeses, estando relacionado a sacrifícios humanos, em particular de crianças, oferecidos em troca de boas colheitas de milho e abundância de leite (Fouto, 2018, p.106)

Brendan retorna à abadia e, às escondidas, retoma o trabalho no manuscrito com Aidan, agora utilizando o recém-obtido Olho de Colmcille. Pouco tempo mais tarde, a chegada de um mensageiro gravemente ferido anuncia a Cellach a iminente aproximação das forças vikings, intensificando o clima de tensão e urgência no interior da abadia. O ataque dos vikings em Kells representa um dos momentos mais impactantes da narrativa, marcado por elementos que compõem a cena, que constroem gradualmente essa atmosfera de tensão. O cenário desenhado remete a um inverno, com neve, e pessoas chegam para tentar proteção na abadia.

A cena toma um ar sombrio, com cores frias e pálidas que retratam o inverno irlandês, conforme a Figura 3. Além disso, a trilha sonora é pouco presente em seu início, mas toma maior forma progressivamente para denotar que a tensão aumenta.

Figura 3 - Kells durante o inverno, logo antes da invasão dos vikings



Fonte: *The Secret of Kells* (Moore e Twomey, 2009, min.59:01)

Ao chegar em seu clímax, a invasão é retratada com brutalidade, como um momento de medo e devastação, onde a segurança construída ao longo da história é abruptamente rompida. Conforme se pode notar a figura abaixo, há uma composição da cena com o uso das cores vermelha e preta. Segundo Arruda (2023, p.27) dependendo do contexto, o uso predominante de tons quentes na composição da paleta de cores, pode indicar maior tensão e perigo. O abade Cellach, até então figura de autoridade firme e inabalável, é o primeiro a ser atingido, e se vê impotente diante do caos, reduzido à condição de espectador da destruição do

mosteiro que tentou proteger. O filme constrói essa cena de forma expressiva e sensorial, utilizando recursos visuais e sonoros para intensificar o sentimento de ameaça iminente e manter o espectador imerso na tensão daquele momento.

Durante o ataque à abadia, Brendan e Aidan utilizam o processo de produção de tinta para criar uma cortina de fumaça e escapar. Incapazes de ajudar o abade Cellach ou os demais monges, refugiam-se na floresta com o manuscrito. No entanto, lá eles são capturados pelos vikings, que removem as páginas do livro. Eles levam apenas a capa adornada com joias. Após esse episódio, Brendan e Aidan, além de evangelizar, dedicam-se à reconstrução e conclusão do manuscrito. Anos depois, Brendan, guiado por Aisling de volta à Abadia de Kells e encontra o tio, com idade avançada. Ambos acreditavam que o outro estivesse morto. Como lembrança do sobrinho, o tio guardou uma página iluminada do livro. Quando ele a mostra para Brendan, ele finaliza o manuscrito. Juntos, contemplam completo Livro de Kells, que simbolizaria a esperança da luz sobre as trevas.

A religiosidade está presente em diversas esferas do filme, seja na estética baseada nos manuscritos iluminados do século IX, ou na presença de criaturas do paganismo pré-cristão como Crom Cruach. Contudo, o Livro de Kells continua sendo o protagonista da religiosidade no filme, servindo como símbolo de fé para a comunidade monástica.

Isso se mostra na forma como o manuscrito é descrito durante a narrativa. No filme, o Livro de Kells é apresentado como uma obra mágica e sagrada, capaz de "transformar a escuridão em luz". O Irmão Aidan descreve o livro como "um farol para os dias sombrios de invasão". Para os monges, olhar para o livro é como "olhar para o céu em si", e há relatos de que "pecadores ficaram cegos ao olhar as páginas" (Moore, 2009)

Segundo Fouto (2018, p.105), ““transformar as trevas em luz” pode ser compreendida como uma metáfora para a conversão dos pagãos à fé cristã, a partir da perspectiva católica.” Essa afirmação reforça o simbolismo do Livro de Kells como um instrumento de iluminação espiritual e cultural, capaz de guiar os fiéis em tempos de medo e violência.

No contexto do filme, o livro é mais do que um mero artefato religioso, trata-se de uma expressão de conhecimento, que preserva e mantém viva a cultura irlandesa, e sua religiosidade (O’Brien, 2011, p.36).

Processo de produção

Uma viagem ao mundo das fábulas (*The Secret of Kells*) apresenta uma forte inspiração nas animações do Studio Ghibli, responsável por filmes como *O Sussurro do Coração*, *O Castelo no Céu*, *Meu Amigo Totoro*, entre outros (Amaro, 2022). Com um orçamento de 8 milhões de dólares, o filme levou dez anos para ser produzido — iniciado em 1999 e lançado em 2009 — e contou com a colaboração de mais de 200 artistas, músicos e escritores de dez países diferentes (Buchelt, 2023, p.6).

Cristina Lorente Gil, aponta que

A semente do projeto surgiu a partir da visualização de *O Ladrão de Bagdá* (*The Thief and the Cobbler*, 1993), de Richard Williams, e *Mulan* (*Mulan*, 1998), de Tony Bancroft e Barry Cook. Este último tomava a arte chinesa como ponto de partida para a criação de um estilo animado. Diante disso, Moore considerou aplicar a mesma ideia, mas utilizando a arte irlandesa em geral — e, em especial, sua arte medieval — com destaque para o Livro de Kells. (Gil, 2020, p.13, tradução nossa⁸)

Segundo Gil (2020, p.15), a entrada do produtor francês Didier Brunner foi decisiva para a adaptação do roteiro, que passou a adotar uma narrativa mais universal e adequada para todos os públicos, uma vez que, inicialmente, a animação possuía um conteúdo voltado a um público mais adulto. Para essa reformulação, foi empregada a estrutura da jornada do herói, conforme proposta por Joseph Campbell⁹.

Essas mudanças também foram percebidas no design dos personagens, pois, tratando-se de um filme independente, era necessário um estilo próprio. Para essa tarefa foi contratado Barry Reynolds e, graças ao seu excelente trabalho, ele se tornou um elemento chave no estilo final do filme (Gil, 2020, p.16, tradução nossa¹⁰)

No que diz respeito à construção estética do filme, identificam-se dois estilos visuais predominantes. O primeiro é um traço geométrico e angular, utilizado especialmente em cenas de tensão e violência, como nas invasões vikings. As cores também desempenham

⁸ Original: El germen del proyecto surgió gracias a la visualización de El ladrón de Bagdad (*The Thief and the Cobbler*, 1993) de Richard Williams y *Mulan* (*Mulan*, 1998) de Tony Bancroft y Barry Cook. Esta última tomaba al arte chino como punto de partida para la configuración de un estilo animado. Ante esta circunstancia, Moore consideró aplicar la misma idea, pero empleando el arte irlandés en general y su arte medieval, sobre todo el del libro de Kells, en particular (Gil, 2020, p.16)

⁹ Joseph Campbell (1904-1987): Escritor que propôs a “Jornada do Herói” usada como base para o filme (Gil, 2020, p.15)

¹⁰ Original: Estos cambios se vieron también en el diseño de personajes, ya que, al tratarse de una película independiente, precisaba de un estilo propio. Para esta labor se contrató a Barry Reynolds y gracias a su buen trabajo, este se convirtió en un punto clave para el estilo final del filme (Gil, 2020, p.16)

um papel fundamental na construção narrativa, uma vez que o filme estabelece uma distinção entre cores, dependendo da mensagem que quer ser passada. Nas cenas de traço geométrico, predominam tons de vermelho e preto (Buchelt, 2023, p.4). Segundo Arruda (2023, p.27) dependendo do contexto, o uso predominante de tons quentes na composição da paleta de cores, pode indicar maior tensão e perigo. Na obra, concretiza-se esse uso conforme a Figura 4:

Figura 4 - Ataque dos vikings segundo a imaginação de Brendan



12

Fonte: *The Secret of Kells* (Moore e Twomey, 2009, min.09:07).

Abaixo, o segundo estilo, é mais leve e curvilíneo, e é empregado para representar a natureza revelada a Brendan pela personagem Aisling. Opondo-se ao teor sombrio da paleta de cores quentes durante os ataques, nas cenas de traço curvilíneo há um predomínio de verde, conforme a Figura 5.

Figura 5 - Brendan e Aisling em cima de um carvalho



Fonte: *The Secret of Kells* (Moore e Twomey, 2009, min.29:06)

No círculo cromático, a cor verde é a cor oposta ao vermelho, gerando esse contraste dos mundos vivenciados por Brendan em diferentes momentos. De um lado a Figura 5 demonstra a floresta e a bondade de Aisling, do outro, a Figura 4 representa a brutalidade das invasões vikings. Segundo Arruda (2023, p.24), o uso de harmonias em tons semelhantes (nesse caso, tons próximos à cor verde e elementos relacionados com a natureza, conforme a Figura 5) “passa a sensação de conforto, pois, normalmente, são pouco contrastantes e apresentam equilíbrio visual, constituindo um resultado harmônico”. Essa dicotomia cromática reforça o simbolismo do livro que o Irmão Aidan busca desesperadamente concluir, conhecido como o livro que torna a escuridão clara (Buchelt, 2023, p.4).

Ainda na construção estética, destacam-se os cenários utilizados, que também corroboram tanto para a narrativa, quanto para a construção da referência visual baseada no Livro de Kells. “Variações de cores, a noção de profundidade, contornos, tudo reflete em algum aspecto a obra original” (Geroto, 2013, p.5).

CONCLUSÃO

Este trabalho encontra-se em fase inicial. Primeiramente, privilegiou-se uma análise geral da animação, considerando principalmente sua narrativa e a intersecção com elementos contextuais da Irlanda do século IX. Por ora, priorizaram-se as correlações estéticas e visuais com as fontes medievais, em especial a similaridade entre os desenhos do filme e a arte das iluminuras irlandesas medievais presentes no Livro de Kells. Os desenhos das iluminuras serviram de base a partir da qual os produtores criaram cenas vivas, animadas e em movimento, coloridas ou monocromáticas. No filme, as iluminuras ganham vida, se movimentam, e servem para múltiplos aspectos, seja para retratar o mundo mágico da floresta que Brendan adentra ao lado de sua nova companheira, Aisling, seja para representar a violência de um ataque viking, com cores vermelhas e pretas e uma trilha sonora tensa. Esses elementos visam sugerir, imageticamente, cenas de sangue e violência (como nos desenhos dos vikings, representados como monstros chifrudos), sem, contudo, exibir qualquer tipo de luta corporal explícita.

The Secret of Kells apresenta vários elementos anacrônicos, como a incorporação do irmão Aidan, que viveu no século VI, inserido no século IX. Tais aspectos, porém, serão explorados em trabalhos posteriores. Por ora, conclui-se que, conforme defende Marc Ferro, além de ser uma fonte histórica, o filme também pode produzir discursos sobre o passado,

memórias e interpretações do real que não necessariamente se alinham com os saberes produzidos pela historiografia.

REFERÊNCIAS

Fonte:

MOORE, Tomm; TWOMEY, Nora. **Uma Viagem ao Mundo das Fábulas**. Título original: *The Secret of Kells*. Irlanda: Cartoon Saloon, 2009. (75 min). Disponível em: <<https://www.looke.com.br/filmes/uma-viagem-ao-mundo-das-fabulas>>. Acesso em: 31 maio 2025

Referências bibliográficas:

ALKHAYAT, Marwa. *The Secret of Kells e a reafirmação da identidade irlandesa: animação, mitologia e resistência cultural*. **Revista Imaginário**, v. 29, n. 1, p. 38–52, 2023

AMARO, Miguel. **The Secret of Kells (Brendan e o Mundo de Kells)**. Lisboa: Cinemateca Portuguesa, 17 dez. 2022. 1 PDF. Disponível em: <<https://www.cinemateca.pt/CinematecaSite/media/Documentos/The-Secret-of-Kells-%28Brendan-e-o-Mundo-de-Kells%29.pdf>>. Acesso em: 31 maio 2025.

ARRUDA, Victória de Freitas. **Cores nas telas animadas**. 2023. 132 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023

BUCHELT, Lisabeth. **De volta para o futuro: O Segredo de Kells traz o passado à vida**. *Research Outreach*, n. 135, 2023. Disponível em: <<https://doi.org/10.32907/RO-135-4247128748>>. Acesso em: 7 jun. 2025.

CALKINS, Robert G. **Illuminated Books of the Middle Ages**. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1983.

FOUTO, Rafael Silva. **Além deste mundo: o sobrenatural em *The Secret of Kells***. Todas as Musas, Rio de Janeiro, p. 103–110. 2018. Disponível em: <<https://www.todasasmusas.com.br>>. Acesso em: 9 jun. 2025.

FUCHS, Robert; OLTROGGE, Doris. Colour material and painting technique in the Book of Kells. In O'MAHONY, Felicity (ed.) **The Book of Kells: Proceedings of a conference at Trinity College**, Dublin, September 6–9, 1992. p.133–171.

GIL, Cristina Lorente. **La influencia del libro de Kells en la película de animación El secreto del libro de Kells (The Secret of Kells, 2009) de Tomm Moore y Nora Twomey**. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em História da Arte) - Universidad De Zaragoza, Zaragoza, Espanha, 2020

FERRO, Marc. **Cinema e História**. Tradução de Espártaco Ferreira. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

MEEHAN, Bernard. **The Book of Kells'**: an illustrated introduction to the manuscript in Trinity College Dublin. London: Thames and Hudson, 1994.

THE SECRET OF KELLS, 2009. **A Janela Encantada**, 9 mar. 2024. Disponível em: <<https://ajanelaencantada.wordpress.com/2024/03/09/the-secret-of-kells-2009/>>. Acesso em: 31 maio 2025.

ROESDAHL, Else. **The Vikings**. London: Penguin Books, 1998.

ROSENSTONE, Robert A. **A história nos filmes / Os filmes na história**. Tradução de Diana Falcão. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

SPARTZ, James T. The Secret of Kells: Through a Forest of Darkness and Light. Resilience: **A Journal of the Environmental Humanities**, v. 2, n. 3, p. 184-188, nov. 2015.

VALLE, Arthur. **O Livro de Kells: seleção de páginas**. Cineclube Anima Rural, 11 jun. 2011. Disponível em: <<http://cineclubeanimarural.blogspot.com/2011/06/o-segre-do-de-kells-secret-of-kells.html>>. Acesso em: 20 jun. 2025.

VISALLI, A. M.; GODOI, P. W. Estudos sobre imagens medievais: o caso das iluminuras. **Diálogos**. Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História, vol. 20, núm. 3, p. 129-144, 2016.